



MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E IMPRENSA

JORNAL NOVO
pág 5
18.12.78



Fundação Cuidar o Futuro

Natália Correia «versus» António Reis

Em artigo que hoje inserimos, intitulado «António Reis, triste espectáculo de um fidalgo aprendiz», a escritora Natália Correia acusa aquele deputado do PS de «fazer do hemiciclo um lugar de calúnia, alcançando na insídia a desenvoltura que lhe falhou enquanto inerte secretário de Estado da Cultura».

pág. 5



António Reis, triste espectáculo de um «fidalgo aprendiz»

Não será o sr. António Reis o primeiro a denegrir na Assembleia da República o decoro que ali devia ilustrar a ética democrática. Mas sem sombra de dúvida cebe-lhe a primazia em fazer do hemiciclo um lugar de calúnia.

Alcançando na insídia a desventura que lhe fálhou enquanto inerme Secretário de Estado da Cultura, Reis atribuiu certas omissões no programa cultural do Governo à influência dos meus critérios expostos numa comunicação que fiz ao Conselho Nacional do PSD. David Mourão-Ferreira teria sido sensível ao «provincianismo tacanho» e «sectarismo conservador» de que estava imbuída essa minha exposição. Isto atreveu-se Reis a afirmar sem mesmo corar de vergonha num parlamento que assim aviltou em latrinário sítio de despejadas difamações.

Mas não tardou a que viesse a prova daquilo que para muitos já era evidente. Mais que caluniador, Reis é assombrosamente iletrado. Com efeito, o Primeiro-Ministro, respondendo à ignara petulância deste já murcho abrolho de Abril, fez notar que ele não soubera ler o programa. As omissões respeitantes à animação cultural e aos centros homónimos pelos quais Reis está disposto a sacrificar os Jerónimos, a Batalha e o próprio Castelo de S. Jorge se for preciso, afinal de contas não existiam. A animação e os centros tinhamos estavam pressupostos no programa. Só que Reis queria o nomen no que era medievo nominalista.

Custa a acreditar que tão vice-ral socialista seja o neo-Duns Escoto de um nominalismo que, in-

dividualizando as entidades, as separa do geral. Fica portanto de pé a clamorosa extravagância de Reis não saber ler? Arrepiamonos. Reis foi Secretário de Estado da Cultura e ainda que as exigências andem muito por baixo no nosso país, o menos que se exige a quem nos administra a cultura é que saiba ler.

Inadmissível portanto a vileza de termos suportado um Secretário de Estado da cultura analfabeto. Reis lê? O jornal, pelo menos. Talvez mesmo o «Capricho» cujas foto-novelas são de molde sepeiral a arrancar-lhe uma lágrima ao correspondente nível mental. Porque é bem outra a razão que o induz a detectar nas omissões do programa cultural o meu dedo conservador. Reis quer simplesmente aliviar o executivo da imagem do governo mais conservador que até hoje existiu e o seu partido levianamente pôs a correr sem pensar que expiaria o ridículo de se contradizer em deixá-lo passar. O conservadorismo do programa da SEC não exprime por conseguinte, o pensar do Governo mas sim a minha maléfica influência. Espertalhufo este Reis. Quer que o Governo passe. Para tanto coonesto a luz verde desagrandando, à minha custa, o executivo da acusação de conservador que o PS lhe estampou na frente. Assim, a desejada passagem do Governo põe menos em cheque o indefectível esquerdismo socialista precipitadamente assustado com a traça conservadora do executivo Mota Pinto. E fuge, fantasmas das eleições antecipadas que pelo andar da carruagem nas autarquias reduziriam Reis a uma insignificância mais harmoniosa com a sua incapacidade de nos demonstrar

que não é a ressurreição do anagélico Calixto Eloy descoberto pelo demónio parlamentar. E, sem dúvida pungente este temor de Reis em regressar à modéstia de que foi arrancado pelos forceps pouco exigentes do PS. Lamento-o mas não acho bem que me envolva nas suas dores de barriga porque isso não é coisa que se faça a uma senhora. Se Reis não adquiriu certa elegância após ser berloque da classe política, então não vejo nada que o recomende para se pendurar no bengaleiro dos Pais da Pátria.

Lastimo, como disse, os apuros que em Reis despertam o engenho de fabricar falsidades. Gostaria de pranteá-lo. Mas é ele que me impede forçando-me a rir como salta-pocinhas que é de cómicos descaros. Vejamos este. Sugere o reinado parlamentar que o dr. David Mourão-Ferreira, em ser um nado pelo meu for, minha é novo Hércules vergado às minhas onfálicas saias. Como se atreve Reis a rebaixar a grande envergadura intelectual de David Mourão-Ferreira considerando-a passível de ser mera anotadora de Espíritos Santos de orelha? Como? Muito simples. Reis não sabe quem é o dr. David Mourão-Ferreira pela única razão de que é afrontosamente ignorante no domínio da cultura onde Saturno lhe consentiu que reinasse por um dia como em tempos de antanho igual benesse concedia aos fousde-village. Mais: Como ousa este desastrado caluniador acusar David Mourão-Ferreira de me ter como evangelho se até hoje a única boca que no podium governamental se abriu para informar o país de que tinha um evangelho feminino é precisamente a mesma que

hoje expela a calúnia de eu ser o vade mecum do novo titular da SEC.

Recordemos. Apenas limpa a unha e cortada a grenha para, sem espavorir o cadeiral da SEC, se analgar nos altos comandos da cultura, apressou-se Reis a comunicar ao país que só tinha um evangelho (sic): Sofia de Melo Breyner. Desta sua confessa evangelização em mulheril fonte poética, enquanto secretário de Estado da Cultura, é corolário lógico não ter Reis autoridade para envolver pejorativamente o dr. David Mourão-Ferreira na minha influência. E como esta é realmente nula — ainda que laços de funda amizade me unam ao poeta — Reis, além de desautorizado para assacar a Mourão-Ferreira sensibilidade ao meu evangelho, é avassaladoramente difamador. E-o, pior, na qualidade de parlamentar, desacreditando a República na sua Assembleia que degrada em pátio de repugnantes intrigas.

Mas passo ao «provincianismo tacanho» e ao «sectarismo conservador» que, sendo meus, segundo Reis, inquinam o programa da SEC. Não deixa de ser divertido que este arqui-tipo da província embasbacada na capital das vácuas importâncias políticas, acóime de provincianismo seja quem for. Fá-lo, porém, com o mesmo mal amanhado dandismo cultural de última hora com que até vai às exposições por olho bovino diante da Vieira da Silva. E porque é que eu sou provinciana? Porque acho que a formação de animadores culturais e centros culturais são expressões de um dirigismo não por acaso engendrado no período gonçalvista. E realmente nesta altura em que efervesce o clima das dinamizações culturais que do ad libitum gonçalvista nasce o Centro Cultural de

Evora, paradigma que António Reis se propunha seguir noutras regiões do país. Isto em nome da descentralização cultural. Curioso. Muito curioso. Que espécie de descentralização é essa que, na direcção dos centros que a promovem coloca funcionários da SEC? A rigor, descentralizar é proporcionar meios que facultem a espontaneidade das iniciativas regionais. O mecenato de Estado exercido através de funcionários que inevitavelmente orquestram essa espontaneidade, não me parece ser um processo integralmente descentralizador mas encapotadamente dirigista. Onde, senão aqui, o sectarismo conservador que em cripto-dirigismo impõe fórmulas e valores quantas vezes estranhos à dinâmica própria das culturas regionais? Puro elitismo estatal. É nele que Reis se aperalta de progressista para chamar conservadora a quem, como eu, defende o direito das populações à espontaneidade dos seus moldes culturais que devem ser estimulados por subsídios do Estado e não condicionados por funcionários do poder central. Aconselha-se Reis a remocar o seu progressismo bota-de-elástico com a noção, essa sim moderna e arejada, de que quanto mais Estado menos cultura e vice-versa. E, de uma vez para sempre vá acusar de sectarismo conservador o seu ego tacanho e saloio alapado em ideias fossilizadas que só podem fazer rir os mais avançados agentes da cultura.

Chego finalmente à despuddrada apoteose do «apostolado cultural» de Reis. Para tanto invoco a sua hipócrita devoção pela UNESCO patenteada na AR quando ali disse que as minhas afirmações sobre a formação de animadores e animação sócio-cultural produziram sonoras gargalhadas naquela organiza-





por Natália Correia

ção.

Pergunto: Qual UNESCO? A que propôs o controlo da comunicação social pelo Estado? A UNESCO onde Reis não quis que fosse promovida a língua portuguesa? Se não é verdade Reis ter perpretado este crime de lesa-cultura, que o desminta junto do dr. António Maria Pereira, o qual me autorizou a divulgar o vergonhoso uso que Reis fez das suas responsabilidades na SEC no caso que passo a referir:

Na véspera de seguir para a UNESCO como representante da SEC numa reunião de direitos de autor, António Maria Pereira foi chamado de urgência pelo então Secretário de Estado da Cultura, António Reis. Por espantoso que pareça a finalidade da intempestiva chamada era a seguinte: recomendar a António Maria Pereira que não promovesse a língua portuguesa na UNESCO como tinha vindo a fazer desde sempre.

Quem assim procede na qualidade de secretário de Estado da Cultura e mesmo de simples português não tem direito a prelecionar sobre a cultura que agride, sequestrando-lhe o ímpeto congénito de se expandir na língua. Tão pouco a mínima dignidade nacional permite que o povo seja representado no órgão da sua soberania por quem despreza a língua que ele fala. E igualmente ponto de honra considerar-se uma ofensa à República ter ela, como representante men, salteadores do nosso maior património: a língua que nos deu a nacionalidade e a mantém viva.

Não concebo outra forma de dar pela existência de Reis se não de uma profunda tristeza por ver este «fidalgo aprendiz» da democracia e da cultura mandatado para ser tomado a sério como zelador dos destinos da Pátria e da República.

